



ABTT e a Indústria Têxtil

50 Anos de História da ABTT

Blucher



ABTT

e a Indústria Têxtil
50 Anos de História da ABTT





ABTT - Associação Brasileira de Técnicos Têxteis

Blucher

Comissão Organizadora do Cinquentenário

Waumy Corrêa da Silva – Presidente
Bruno Cezar Almada Modesto Lima
Deyse Lucidi do Carmos

ABTT

e a Indústria Têxtil

50 Anos de História da ABTT



Diretoria da ABTT – Gestão 2011-2013

Reinaldo Aparecido Rozzatti – Presidente
João Carlos Lebre – Vice-Presidente
Erivaldo José Cavalcanti – Diretor Secretário
Nelson Pereira Junior – Primeiro Secretário
Antonio César Corradi – Diretor Tesoureiro
José Claudio França – Primeiro Tesoureiro
José Roberto Gennari – Diretor de Eventos

ABTT e a indústria têxtil: 50 anos de história da ABTT
© 2012 ABTT – Associação Brasileira de Técnicos Têxteis
Editora Edgard Blücher Ltda.

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-012 - São Paulo - SP - Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed.
do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem
autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

FICHA CATALOGRÁFICA

Silva, Waumy Corrêa da
ABTT e a Indústria Têxtil: 50 anos de História da ABTT /
Waumy Corrêa da Silva, – São Paulo: Blucher, 2012

ISBN 978-85-212-0702-3

1. Indústria Têxtil. 2. Moda. 3. Indústria Têxtil – Brasil
– História. I. Título II. Associação Brasileira de Técnicos
Têxteis

12-0204

CDD 338.47677

Índices para catálogo sistemático:

1. Indústria Têxtil – Brasil – História

338.47677

Conteúdo

APRESENTAÇÃO.....	6
PREFÁCIO.....	8
MEMORIAL	
DE LEMBRANÇA EM LEMBRANÇA: CONSTRUINDO A MEMÓRIA DA ABTT, por María Liliana Inés Emparan Martins Pereira.	10
INTRODUÇÃO.....	31
PARTE I — 1962 a 1971	
O cenário	40
A moda.....	46
Aconteceu na década.....	48
PARTE II — 1972 a 1981	
O cenário	59
A moda.....	64
Aconteceu na década.....	65
PARTE III — 1982 a 1991	
O cenário	83
A moda.....	85
Aconteceu na década.....	87
PARTE IV — 1992 a 2001	
O cenário	103
A moda.....	107
Aconteceu na década.....	109
PARTE V — 2002 a 2011	
O cenário	123
A moda.....	127
Aconteceu na década.....	128
PARTE VI — Depoimentos	
Aguinaldo Diniz Filho	149
Alexandre Figueira Rodrigues.....	150
Bruno Cezar Almada Modesto Lima.....	151
Carlos Roberto C. Feliciano.....	152
Dante Approbato.....	153
José Carlos Dalles	154
José Clarindo de Macedo.....	155
Luiz Pereira Netto.....	156
Manoel Zauberaman	157
Maria Lúcia Lindgren Alves	158
SENAI/CETIQT – Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil	159
Escola SENAI Francisco Matarazzo.....	161
AGRADECIMENTOS.....	163
APÊNDICE	165
PATROCINADORES.....	168
GALERIA	183

Apresentação

Neste ano que a ABTT – Associação Brasileira de Técnicos Têxteis completa cinquenta anos de fundação com ininterrupta atuação, é com elevado orgulho que apresentamos esta obra, procurando contar um pouco da história têxtil e da moda.

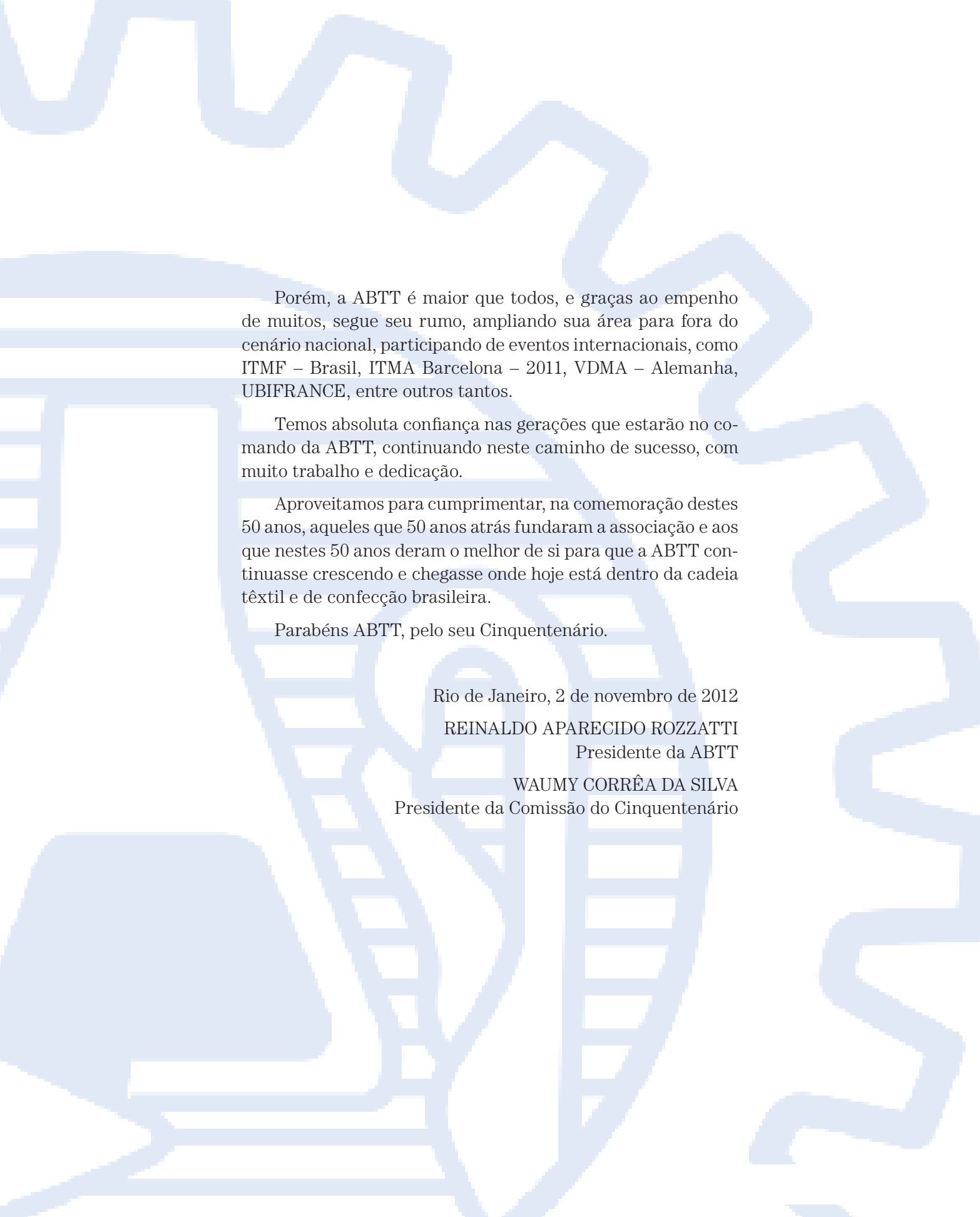
É sabido que nenhuma associação vive e se mantém por si só. Todas dependem exclusivamente dos que a compõem e dirigem. As ações de seus dirigentes podem levar ao sucesso ou ao fracasso.

A ABTT é diferente. Poucas associações completam meio século de existência com atividades ininterruptas e continuam reconhecidas, como é o caso da ABTT, tudo isso graças ao empenho e dedicação dos que a dirigiram e continuam trabalhando para manter a ABTT à testa de eventos já cinquentenários.

Também é importante ressaltar que esse sucesso se deve a quem sempre esteve prestigiando as ações da ABTT, nossos eternos parceiros como a ABIT – Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção, além de centenas de indústrias e entidades de ensino, que não nominaremos para não cometer a injustiça de não citar alguma. A todas só temos a agradecer.

Neste livro, são citados fatos e depoimentos de muitos que participam ativamente da ABTT, só lamentamos que parte dos que convidamos a depor não responderam aos nossos convites.

Problemas e percalços houveram, mas foram sobrepujados pela determinação e foco somente nos interesses da Associação, daqueles que realmente se dedicaram ao engrandecimento da ABTT, deixando metas e interesses pessoais de lado.



Porém, a ABTT é maior que todos, e graças ao empenho de muitos, segue seu rumo, ampliando sua área para fora do cenário nacional, participando de eventos internacionais, como ITMF – Brasil, ITMA Barcelona – 2011, VDMA – Alemanha, UBIFRANCE, entre outros tantos.

Temos absoluta confiança nas gerações que estarão no comando da ABTT, continuando neste caminho de sucesso, com muito trabalho e dedicação.

Aproveitamos para cumprimentar, na comemoração destes 50 anos, aqueles que 50 anos atrás fundaram a associação e aos que nestes 50 anos deram o melhor de si para que a ABTT continuasse crescendo e chegasse onde hoje está dentro da cadeia têxtil e de confecção brasileira.

Parabéns ABTT, pelo seu Cinquentenário.

Rio de Janeiro, 2 de novembro de 2012

REINALDO APARECIDO ROZZATTI

Presidente da ABTT

WAUMY CORRÊA DA SILVA

Presidente da Comissão do Cinquentenário

Cinquenta anos de preciosa contribuição

O cinquentenário da ABTT (Associação Brasileira de Técnicos Têxteis) é um marco de extrema relevância na história do associativismo brasileiro. Trata-se de uma das organizações que oferecem maior colaboração ao desenvolvimento do seu setor de representatividade. É notável a sua capacidade de articulação e a eficácia com que cumpre sua missão de promover a constante troca de ideias e experiências entre os associados e profissionais do Brasil e do exterior.

Também é muito significativo o intercâmbio promovido pela ABTT com instituições correlatas, nacionais e estrangeiras, constituindo-se em polo de conhecimento, informação e fomento técnico do mercado. A entidade desempenha esse importante papel com excelência, pois reúne as experiências e os expertos da indústria têxtil e de confecção. O seu concorrido congresso, que promove periodicamente com elevada competência, é um bom exemplo de sua capacidade de disseminar conhecimento. O evento, cada vez mais destacado no calendário nacional e internacional do setor, tem programação de alto nível, com palestrantes do Brasil e do exterior.

A ABTT, como se percebe, presta relevantes serviços ao mercado, à sociedade e ao País, ao contribuir para que a informação, o bem mais precioso de nosso tempo, seja um fator estratégico para o desenvolvimento de nossa atividade, um dos segmentos que mais empregos e renda geram no contexto da indústria de

transformação nacional. Não é sem razão, portanto, que todos os técnicos têxteis, como eu, e profissionais que integram ou interagem com a entidade tenham imenso orgulho de sua profissão e grande apreço pelo trabalho por ela realizado.

Podemos afirmar com a mais absoluta convicção que os 50 anos da ABTT representam uma conquista de extremo significado para a indústria têxtil e de confecção do Brasil. A entidade fez muito pelo setor e, com certeza, contribuirá cada vez mais para o seu desenvolvimento e grandeza!

Aguinaldo Diniz Filho
Técnico Têxtil

Presidente da ABIT
(Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção),
do Conselho Técnico Administrativo do SENAI/CETIQT
e da Cedro Têxtil.

De lembrança em lembrança: construindo a memória da ABTT

María Liliana Inés Emparan Martins Pereira

Comemoração significa trazer à memória, fazer recordar. Pressupõe, portanto, memória compartilhada. Assim, comemorar os 50 anos da **ABTT– Associação Brasileira de Técnicos Têxteis** implica o resgate de sua história, não apenas oficial e documental, ou seja, pública, mas a que compõe o universo particular dos seus associados, os relatos e as vivências de um grupo de profissionais de tão variadas formações, como as que fazem parte desta associação: técnicos, tecnólogos, graduados, comerciantes, designers, estilistas etc.

Para tanto, ouvimos as histórias de alguns dos seus componentes, como Luiz Barbosa da Fonseca Lima, João Luiz Martins Pereira, Julio Caetano Horta Barbosa Cardoso, Reinaldo Aparecido Rozzatti, Ricardo da Silva Haydu e Waumy Corrêa da Silva. As entrevistas foram realizadas em períodos diferentes, entre 2006 e 2012.

Consideramos importante também compreender o objeto em torno do qual a associação se constituiu que é o segmento têxtil, cadeia formada por amplos setores da população que incluem elementos diversos, tais como: matéria-prima, indústria, criação, confecção e comercialização dos produtos têxteis.

Neste cenário tão vasto, focaremos o tecido, matéria-prima da vestimenta do ser humano, desde os primórdios da civilização. Tentaremos analisar a importância desse produto, elemento que compõe o cotidiano das pessoas em um leque de utilidades extremamente amplo, mas, principalmente, na roupa.

Citamos, para tanto, John Carl Flügel, pesquisador que escreveu “Sobre o valor afetivo das roupas”:

Os antropólogos nos dizem que as roupas têm três funções principais, que correspondem às necessidades de decoração, de proteção e de pudor. Os psicólogos que abordam os problemas do vestuário (...) advertiram inicialmente que de suas três funções, duas – a decoração e o pudor – são de natureza puramente psicológica e que a terceira – a proteção – mesmo parecendo à primeira vista um assunto da fisiologia, corresponde ela também, a necessidades não somente do corpo, mas também da alma. Notaram, em seguida, que há aí uma relação ambivalente entre duas funções psíquicas. O pudor e a decoração têm suas origens nos instintos opostos e nos conduzem a ações contrárias.¹

¹ Artigo publicado pela Revista *Psyché – Revista de Psicanálise*, São Paulo, ano XII, n. 22, p. 13-26, jan-jun, 2008.

A RELEVÂNCIA DO MUNDO TÊXTIL

A história da relação entre os seres humanos e o tecido se confunde com o próprio processo de humanização. Desde os primórdios da civilização, quando o homem se estabeleceu em grupos, começou a fiar e produzir tecidos. Inicialmente, utilizou fibras naturais como algodão, linho, lã, seda e, mais recentemente, fibras artificiais.

Acreditamos que, tão importante quanto a produção de alimentos e a criação de rebanhos, a produção têxtil tenha sido fundamental para a nossa humanização, o que nos diferenciou radicalmente dos outros animais.

É por esta razão que pensar a diferença entre os homens e os outros animais seja tão instigante. O grande diferencial, então, seria a inteligência? A capacidade de falar e se comunicar? A possibilidade de fazer história? A consciência sobre a vida e a morte?

Ousaremos ao acrescentar que existe outra diferença – para além das acima citadas – que torna o homem peculiar: a possibilidade de sentir vergonha de si, de seu corpo, da sua nudez e da alheia e, para tanto, precisar se cobrir/descobrir, esconder/revelar a sua sexualidade, a sua desproteção, sua fragilidade em relação aos outros animais. Assim, nascemos nus, mas imediatamente nos cobrem como expressão do carinho, do cuidado e da proteção.

No capítulo 3 do Gênesis, vemos sintetizada essa complexidade da roupa–tecido como proteção–exibição, funcionando como uma segunda pele, para além do corpo físico que, parece fazer nos esquecer de nossa condição animal. E, mais além, como memória de uma *proibição* que impele à transgressão...

(...). Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; pelo que coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais. E, ouvindo a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim à tardinha, esconderam-se o homem e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim. Mas chamou o Senhor Deus ao homem, e perguntou-lhe: Onde estás? Respondeu-lhe o homem: Ouvi a tua voz no jardim e tive medo, porque estava nu; e escondi-me. Deus perguntou-lhe mais: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses? (...) E o Senhor Deus fez túnicas de peles para Adão e sua mulher, e os vestiu.

Surge, assim, o tecido como envoltório humano que protege do clima, a intempérie, a finitude, o medo e os olhares do outro que destacam a sua diferença; ambivalentemente, o tecido também revela e expõe o eu–outro, atraindo o olhar.

Pascale Navarri², estudiosa do tema sintetiza aqui sua importância:

Porque, deixando de lado as diferenças corporais (tamanho, corpulência, cor da pele, etc.), é a partir das roupas que vestimos que os que nos veem formam as suas primeiras impressões ao nosso respeito. Trata-se de uma troca de olhares, troca em que está em jogo a necessidade mais ou menos absoluta e mais ou menos urgente, conforme a história de cada um, de ser notado, identificado, diferenciado e até mesmo admirado ou invejado (2010, p. 33).

Todavia, o homem como ser da cultura cria e recria infinitamente a forma como deseja aparecer e ser visto pelo outro: eis que surge a moda.

A moda, capítulo a parte pela sua importância para a cadeia têxtil, retrata fielmente a nossa necessidade de diferenciar-nos do outro por meio do potencial criativo, mas revela também a nossa fragilidade e finitude: nada mais efêmero que a moda, simbolizando, a todo momento, o novo.

Pascale Navarri (2010) estabelece, no trecho a seguir, claramente a relação entre corpo, olhar e moda:

Ora, a juventude do corpo é um tecido destinado a se estragar e o primeiro objetivo da moda é evitar isso: desconectar-se do tempo biológico e substituí-lo por uma juventude eterna, iludida pelo mundo fashion que se alimenta de artificialidade (p. 196).

2 No seu livro *Moda & inconsciente*, publicado pelo SENAC, a autora faz uma original análise sobre o mundo da moda.

O tecido e a roupa (re) produzem tantas simbologias que até os famosos contos de fadas se servem deles: Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, As Roupas Novas do Imperador, entre outros, mostram a interferência e o valor da vestimenta na imagem do outro e na própria, assim como, nas frágeis relações estabelecidas pelos seres humanos.

O tecido é usado na decoração, no vestuário, na mobília, no transporte etc. marcando e (de)limitando as diferenças sexuais, sociais, geracionais, temporais, econômicas, políticas, culturais, identitárias³ etc., revelando a cadência dos movimentos das sociedades ao longo da história. No caso do Brasil, sabe-se que a indústria têxtil começa com a confecção de tecidos rústicos de algodão e juta, utilizados para vestir escravos e pessoas humildes, assim como para ensacar o açúcar, o café e outros produtos.⁴

Posteriormente, com o avanço no processo de industrialização têxtil, a mulher passa a ter uma estreita participação no universo têxtil. Na verdade, essa relação começa nos primórdios da história humana, onde geralmen-

3 É interessante lembrar como a vestimenta demarca funções. Por exemplo: os uniformes sejam escolares, empresariais ou de exército; no caso das religiões, as diferenças de autoridade, ou na medicina, no direito, o que ajuda socialmente na sua identificação.

4 Aqui fazemos referência a dois livros que trazem maiores detalhes sobre este processo. Trata-se de *150 anos da indústria têxtil brasileira* (Rio de Janeiro: SENAI-CETIQT), *Que chita bacana* (São Paulo: Editora A Casa) e *Tecidos- História, Tramas, Tipos e Usos* (Editora SENAC, São Paulo).

te pertencia à mulher a função de fiar e tecer, e posteriormente, pela quantidade de mulheres que passam a trabalhar nas fábricas têxteis, desenvolvendo essa importante indústria. A criação do próprio Dia Internacional da Mulher tem seu ponto de partida em uma iniciativa da jornalista Clara Zetkin e, posteriormente, é instaurado como uma lembrança e homenagem às mulheres mortas em uma fábrica têxtil.⁵

Não pretendemos aqui falar sobre a história da indústria têxtil e da vestimenta, e sim, pensar qual a importância de uma associação como a ABTT, que conta com um amplo leque de profissionais que pensam, vivem e fazem parte da chamada cadeia têxtil.

É aqui que começa a história de 50 anos da Associação Brasileira de Técnicos Têxteis.

5 Clara Zetkin nasceu em 1857, em Wiederau, Alemanha, pequena cidade onde a principal atividade era a indústria têxtil. Ativista incansável, escrevia em jornais e revistas em prol da causa feminina. Em Copenhague, no ano 1910, durante o II Congresso Internacional de Mulheres Socialistas, por iniciativa de Clara Zetkin, mulheres vindas de 17 países adotaram a proposição de criar um “Dia Internacional da Mulher”. Seis dias mais tarde, no sábado 25 de Março de 1911, ocorreu o trágico incêndio da fábrica de camisas Triangle, em Washington Place, Nova York. Cento e vinte e nove trabalhadoras, jovens imigrantes italianas e judias, morreram em virtude da falta de segurança nas instalações. Essa tragédia – e as terríveis condições em que ocorreu – passou a ser sempre lembrada por ocasião das celebrações do Dia Internacional da Mulher, oficialmente fixado em 8 de Março pela Assembléia Geral da ONU, a partir de 1975.

A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA DA ASSOCIAÇÃO

Na idade média, existiam os cronistas que relatavam acontecimentos cotidianos pitorescos, o que veio se chamar “crônica urbana”. Muitos destes cronistas se apoiavam no humor e na sátira, outros em expor rivalidades e mal-entendidos. Todavia, sua importância se baseava na construção da história das pessoas “comuns”, por meio do testemunho oral.

Essa história oral, por tratar de temas do cotidiano, muitas vezes, é desprezada, mas pode se converter em importante aliado à preservação da memória coletiva. Ela vem complementar o material obtido em documentos oficiais, livros, fotos etc. que, geralmente, omitem detalhes considerados pouco importantes, tais como: relato de situações informais, conflitos entre pessoas, discordâncias nos dados etc. São justamente estes detalhes que trazem o “sabor” e a singularidade da história. Enquanto a documentação apresenta a versão oficial, os relatos mostram as diferentes versões dos sujeitos que viveram essa história. Geralmente são as pessoas com mais experiência as que guardam os tesouros da memória de tantos detalhes, vivências e dados. Como diz Ecléa Bosí⁶ em relação à memória dos

6 Estamos nos referindo aqui à famosa obra da autora: *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

mais velhos, ela “*pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado*” (2003, p. 15).

No caso da história de uma associação, o resgate de sua memória significa se defrontar com os objetivos que levaram um grupo determinado de pessoas a formar essa organização representativa. No caso da Associação Brasileira de Técnicos Têxteis nossa meta é poder resgatar os relatos orais daqueles que fundaram a ABTT e/ou são presenças marcantes de sua história, como parte de sua memória.

Acreditamos, portanto, que o trabalho de memória para qualquer organização, instituição ou mesmo qualquer pessoa seja fundamental. E aqui a palavra fundamental ganha seu sentido originário, significando: básico, essencial, necessário, substantivo que se utiliza quando se deseja a permanência e perpetuação de uma ideia ou a relação com a origem.

A memória possibilita o resgate do passado, oferece sentido ao presente e lança perspectivas para o futuro, permitindo certa transmissão, uma herança. Uma associação de pessoas pode funcionar assim: como a memória viva de algo atual e significativo ou simplesmente como a memória do que se quer esquecer, não repetir.

Nestes 50 anos de ABTT, acreditamos que resgatar a memória daqueles que a constituíram é fundamental para seu futuro. No decorrer do livro, leremos por meio dos relatos dos seus

membros, fragmentos de lembranças que lançam luz sobre o contexto histórico e político da sua fundação, em 1962. Na trama que vai se formando nas palavras ditas nas entrevistas das quais participei, assomava-se um Brasil de grandes transformações.

FUNDAÇÃO

A **ABTT – Associação Brasileira de Técnicos Têxteis** foi fundada em 02 de novembro de 1962, no Rio de Janeiro, nas instalações do então ETIQT (Escola Técnica da Indústria Química e Têxtil), hoje SENAI-CETIQT (Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil). Seu primeiro presidente foi Geraldo Xavier de Andrade (RJ). Nos seus 50 anos de história, a ABTT já teve 25 mandatos, sendo seus presidentes pertencentes aos núcleos do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco e Sul. Como associação possui oito núcleos regionais e um Estatuto que define e rege sua atuação nacional.

Desde sua criação, vem contribuindo de forma decisiva para a história da indústria têxtil brasileira. Esse fato se deve especialmente à abrangência dos seus associados: técnicos, tecnólogos, engenheiros, universitários e profissionais atuantes na cadeia produtiva têxtil-vestuário e moda.

No relato do Luiz Barbosa, conhecemos os detalhes da fundação para além dos documentos oficiais:

Quando a ABTT foi fundada, eu era aluno da escola, em 02 de Novembro de 1962, eu me lembro que comecei a ver uma porção de gente que tinha passado na escola recentemente e que estava por ali nos corredores e eu comecei a perguntar o que estava havendo. Eu vi o Julio (Caetano) que tinha se formado em 60, eu vi o Pelé que tinha se formado em 63... Quem é o Pelé? O Pelé é o Gilson Gaspar que jogava futebol também... Então, eu comecei a ver gente de outras turmas, gente desconhecida, então, eu fui informado que no sábado, que era o dia dois de novembro, dia de Finados, inclusive eu jogava futebol no time da escola e ia ter um jogo, teve esse jogo de futebol enquanto eles estavam reunidos lá. Eu ainda fui lá na reunião, olhei o ambiente, mas descí para o vestiário, botei minha roupa e fui jogar. Quando eu estava jogando, tomei conhecimento que tinha uma plateia muito grande desses técnicos que acabaram de fundar a ABTT **lá embaixo das amendoiras**, vendo o nosso jogo que já estava para terminar. Então, essa foi minha lembrança da formação da ABTT e eu não participei, vamos dizer nem saí na foto, apenas participei sentindo que tinha havido essa reunião. Eu me tornei sócio aspirante porque o Presidente eleito tinha sido o Professor Geraldo, que era da cadeia de Fiação e o Secretário Geral, me parece que era o Julio (Caetano) ou o Professor Teodomiro. *O Professor Teodomiro conseguiu uma sala exclusiva para a ABTT junto à dele, aonde ele dava aula de controle de qualidade. E eu me lembro que, muitas vezes, fui para a sala ajudar a fazer uma coisa, fazer outra, como aluno, como sócio aspirante e assim que me formei para ser sócio pleno. Eu tinha que estar formado, ganhei minha carteirainha... eu sou o sócio número 238 e está assinado ainda pelo Teodomiro Firmino da Silva Neto*, porque acho que nessa época em que eu me formei o Presidente da ABTT já era ele, o Teodomiro, porque eu me formei em 64 e a minha carteira é com a data de 66.

O mesmo acontece neste depoimento de Waumy que destaca o movimento de amizade que impeliu à fundação da ABTT:

Todas essas organizações como a ABTT começam com a união de amigos que procuram juntar, relacionar, avaliar como está a categoria, como estão os técnicos e lá no CETIQT nós sempre fomos muito unidos. Nós começamos a nos reunir no CETIQT mesmo para fundar uma associação de classe. Nós juntamos várias pessoas que sempre tinham interesse em participar de alguma atividade e a preocupação naquela época era que muitas pessoas não tinham emprego. Muitos técnicos estavam sem colocação, e um dos objetivos principais da ABTT era a gente tentar fazer alguma coisa para poder ajudar a essas pessoas; enquanto isto nós mesmos nos movimentávamos para tentar conseguir emprego para os colegas. Uma das coisas mais famosas, desde o início da ABTT, era a “Bolsa Emprego”. Nós nos reuníamos todas as quartas-feiras no CETIQT, o que se tornou um hábito, mesmo com a dificuldade que cada um tinha, eu mesmo morava em Padre Miguel que é muito longe do CETIQT. Nós conversávamos, trocávamos ideias, até conseguirmos montar efetivamente uma associação, e conseguimos. Era forte muito forte o vínculo das pessoas.

Mais adiante e ainda em seu depoimento, a participação marcante do professor Teodomiro Firmino da Silva Neto:

Olha, eu gostaria de lembrar, por exemplo, de umas pessoas que na realidade tiveram uma grande influência, agora mesmo teve uma homenagem justa ao Teodomiro que foi uma pessoa altamente empreendedora. Ele viveu muito em função da ABTT, até porque durante todo tempo em que ele foi professor do CETIQT dava apoio e permitia a sua intensa participação. Nós tínhamos pouco tempo de

dedicação; eu mesmo naquela época dava consultoria e viajava muito, ficando pouco tempo no Rio. Ele morreu jovem, e era uma pessoa com uma inteligência acima da média, sem nenhuma dúvida, muito do sucesso que a ABTT tem hoje se deve a ele. Outra pessoa que deu uma contribuição muito grande, e continua dando, é Julio (Caetano), sempre trabalhou e continua trabalhando pela ABTT, foi presidente da ABTT, participou em várias diretorias, ele gosta disso, ele vive para isso, ele está sempre presente e gosta muito de agir em torno da ABTT, é uma pessoa que eu tenho um carinho muito especial e eu acho que ele é fundamental para a ABTT.

Nesta fala do Reinaldo, ficamos sabendo como a fundação da ABTT foi vivida em São Paulo pelos estudantes que aspiravam à formação de técnico têxtil:

Quando a ABTT foi fundada em 1962, eu era estudante da Escola SENAI “Francisco Matarazzo” em São Paulo e participei na movimentação aqui na cidade que era coordenada pelo colega Roberto Grossi, e que buscava apoio para a fundação que ocorreria em novembro desse ano, no ETIQT, hoje CETIQT, no Rio de Janeiro. As reuniões em São Paulo aconteciam no Colégio do Carmo na Praça de Sé. Como em São Paulo não havia um movimento muito grande da ABTT, ao me formar, não participava dos eventos. O primeiro CNTT⁷ que compareci foi em Poços de Caldas em 1976, e posteriormente em vários outros.

7 Congresso Nacional de Técnicos Têxteis.

A FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DO TÉCNICO TÊXTIL

Na entrevista do João Luiz o destaque para a formação do técnico têxtil nos primórdios da ABTT:

Os técnicos, primeiros formados na escola CETIQT, os técnicos que aqui trabalhavam eram, na sua grande maioria, da Itália, Inglaterra, Alemanha, Suíça. Os técnicos formados nas primeiras turmas, eles praticamente viviam dentro da escola, as aulas eram período integral, eram quatro anos de estudo, sendo que nos últimos dois anos era um estudo especializado. Naquela época, você tinha técnico de fiação e tecelagem. Depois técnicos de acabamento e depois o técnico de malharia e confecção.

E em outro trecho, se referindo à formação do técnico em São Paulo:

Imagina que, nesses anos todos, no início da entidade, no início também da Escola Têxtil anteriormente a ETIQT, no Rio de Janeiro, foi a primeira escola de fiação e tecelagem. Aqui em São Paulo, foi a primeira escola de fiação e tecelagem fundada, organizada pelo professor José Haydu, pai do nosso amigo e colega ex-presidente da entidade Ricardo Haydu e a formação era voltada pra formar um líder de fábrica, um sujeito que sai dali a quatro anos, período integral, estagiando em fábrica, mexendo na máquina, ele iria chegar pra dirigir uma fábrica. Com o passar do tempo, aumentou muito o número de empresas, fábricas, como também aumentou muito o número de seções, divisões (...). Hoje, a formação ela está muito mais curta, rápida, e isso é natural como muitas empresas, Brasil hoje tem mais de 33.000 empresas, sendo que trinta mil confecções. Então, a formação de técnico ela é mais curta. Hoje, um técnico se forma com

quatro semestres, praticamente dois anos, e existem muitos outros cursos em prazo menor ainda. O que acontece é que, com o passar do tempo, eles vão fazendo outros cursos complementares, como, por exemplo, um técnico que se formava nos anos 1970, nos anos 1960 ele era um técnico, se ele, por exemplo, fazia a área de acabamento, conhecia todo o processo de tinturaria, estamparia, acabamento, parte da lavanderia, ou seja, tudo. E hoje o técnico que se forma ele tem que fazer um curso específico, separado, ele não é abrangente, ele é mais específico num setor.

Na lembrança do Waumy como estudante, o curso e a formação de sólidas amizades; posteriormente, como professor e profissional têxtil, o reconhecimento e a importância do CETIQT:

Eu me formei em 58 como técnico lá na escola e, naquela época, o curriculum era bem diferente porque como não tinha muitos técnicos no Brasil, o curriculum era muito abrangente. Nós estudávamos o dia todo desde as sete da manhã às 17h00 e cobria todas as matérias: Fiação, Tecelagem, Tinturaria, Malharia. Naquela época, não tinha Confecção, e realmente era muito puxado. Nós começamos em cento e poucos alunos e terminamos em 17; era puxado. Mas em compensação, você saía da escola já com estágio arrumado, todo mundo que saía já tinha definição de estágio, a procura era maior que a oferta. (...). Hoje você tem dormitórios organizados, naquela época, não, era regime de internato mesmo com horário, disciplina rígida... a gente podia sair até as 10h00 da noite, e se chegasse depois das dez horas não podia entrar na escola, além disso, tinha estudo obrigatório à noite, com chamada e tudo. É natural que este convívio permanente crie um grande laço de amizade (...). O CETIQT hoje é, com certeza, umas das maiores organizações de ensino do mundo, uma das maiores organizações de tecnologia do mundo; ela tem peso, tem consistência, está consolidada. Hoje ela

tem um curso de Engenharia, tem um curso de Moda, Instituto de Design, participa de desenvolvimento, de pesquisa etc. Eu tenho orgulho de dizer que toda a minha experiência profissional foi passada no CETIQT. Fiz o Curso Técnico, fiz engenharia na UERJ, que era patrocinada pelo CETIQT; fui, durante 16 anos, professor no CETIQT; fiz Mestrado na North Carolina States University-EUA, patrocinado pelo CETIQT, fui professor de Engenharia no CETIQT.

No depoimento de Luiz revela-se a excelência da formação oferecida pelo então ETIQT, o que levava o técnico têxtil a se destacar profissionalmente:

(...) Controle de qualidade de tecido cru por pontos, por pontuação, sistema americano, esse sistema deu bom resultado e o Sr. Antonio Carlos Menezes que é o Superintendente da empresa me designou que eu fosse implantá-lo em Delmiro Gouveia; então, pela primeira vez um técnico da Fábrica Camaragibe, iria a Delmiro Gouveia prestar um serviço, uma assessoria para fazer uma importação de uma coisa nova. Nessa oportunidade, eu relembrei a ele que só iria se tivesse um ambiente que eu pudesse ficar, e ele disse: “Não se preocupe você vai para casa de hóspedes que é o seu lugar, um lugar muito confortável” e realmente era uma casa de hóspedes (...). Às vezes, se hospedavam cinco, seis técnicos estrangeiros. Teve uma ocasião em que eu contei na mesa nove nacionalidades diferentes: francês, inglês, argentino, chileno, português, americano, japonês, alemão...

Na lembrança de Ricardo, os tempos de estudante aqui em São Paulo:

Essa primeira turma da Francisco Matarazzo era uma turma de um nível bem mais alto. Era uma turma que tinha o sobrinho da Hering, e um colega nosso que faleceu, Nelson Cianfone, tinha um que era da Viseti. Como éramos os donos da escola, praticamente, nós tínhamos um diretor que não era do nosso nível. Era um diretor que veio de uma escola SENAI; ele tinha umas regras que a gente não sabia o que fazer. Por exemplo, “aluno não entra pela porta principal, aluno entra pela porta lateral”, e a nossa sala, onde eu estava, dava para a porta principal, e quando eu virei a cabeça para olhar para a porta, sem querer, eu vejo um cachorro vira-lata, pulguento entrando por lá, se coçando igual um louco. Eu avisei a turma: Nós não podemos entrar e o cachorro entra?! Greve, a comida está ruim, greve, a gente almoçava muitas vezes lá. Enfim, e hoje estamos comemoramos nossos 50 anos de formatura. No ano passado, foi uma festa muito bonita.

E a excelência da formação do CETIQT no Rio de Janeiro na atualidade:

Técnico têxtil eu considero sempre na frente, eu comparo hoje o CETIQT com a Faculdade Universitária Têxtil que existe na Carolina do Sul, de tão boa que ela é, uma escola gigante.

As pessoas que procuravam a formação têxtil eram de setores variados da população, como nos esclarece Julio:

Muitos já trabalhavam, outros não, o Rolan Dohler era filho ou neto do dono... Então, ele nunca trabalhou porque era jovem ainda, mas ele se preparou para trabalhar. O George Henry Black aqui de Pernambuco foi o pai

dele que trabalhava na Yolanda que era uma fábrica de sacaria de juta, então George foi lá para o Rio também, para você ver. Então, tinha de tudo, o Geraldo Augustavo da Fonseca, ele trabalhava no chão de fábrica da Itaunense, o Antonio Urbano Machado também era de chão de fábrica. Então, eles saíram das fábricas, fizeram cursos, para depois voltar para as fábricas, aí já voltavam num cargo um pouco mais elevado porque eles já tinham adquirido uma bagagem. Então, nós tínhamos desde empresários, tinha o Kasiusky que era de uma fábrica de Petrópolis. Então, tínhamos a família Assis de Juiz de Fora, em Floresta, então, tinha desde filhos de empresários até homens de chão de fábrica, aí essa turma toda adquiria uma bagagem e voltava, uns iam fazer curso no exterior. Oscar Rache foi fazer curso no exterior de aperfeiçoamento, eu fiz curso na Inglaterra, então, quer dizer, tinha de tudo.

Aqui um depoimento complementar do Ricardo que conta sobre a fundação da escola de formação de técnicos em São Paulo:

Meu pai⁸ era engenheiro têxtil formado em Bérgamo. Veio para o Brasil em 1925 com meu avô e não tinha dinheiro para trazer minha avó e trabalhou um tempo na Votoratim. Depois teve a ideia, em 1928, de fazer uma escola têxtil. Fez a escola de tecelagem chamada Primeira Escola de Tecelagem. Começou na Rua Piratininga 283, na casa onde eu nasci. Era uma casa muito grande térrea onde tinha quatro salões enormes e, vamos dizer, lógico que ele não era um técnico têxtil, porque não existia o curso na época. A escola não tinha nem máquinas, era mais uma escola teórica onde os contramestres se tornaram mestres. Então, nessa escola tinha aulas de fiação, tecelagem, acabamento e tinturaria, e daí começou a escola, vários industriais passaram. A escola começou em 1928 e terminou em 1975. De 1970 a 1971 meu pai teve infarto e não podia trabalhar. Em 1975 começou a fazer curso por correspondência. E quando

8 Professor José Haydu da Silva Aranha.

eu peguei a coisa, em 1975 eu trabalhava na época na Alcântara Machado. Saí para tomar conta das coisas de meu pai. E então os fatos não davam para ficar, só tentei colocar alguns professores, alguns engenheiros na escola e não deu certo. Encerrei a escola, mas em 1931 meu pai fundou a *Revista Têxtil* que hoje está fazendo 81 anos. Essa revista era mais ou menos *house organ* da escola, e por que meu pai estava fazendo isso? E porque na época não existia técnico têxtil no Brasil, eram todos importados. Na época que começou essa revista, as coisas eram fáclimas e tinha de tudo. Essa revista é órgão oficial da ABTT, muita honra tenho disso. Posso dizer que acompanhando, e então passou por guerras, não sei quantas moedas, cruzado, cruzado etc.. Mas posso dizer para você o seguinte: a ABTT começou realmente a tomar certo rumo no final da época do Jessé, mais assim muito baixo. O Jessé era mais vaidoso pela ABTT e realmente a ABTT começou a se tornar realmente a ABTT pelo João Luiz. Ele realmente profissionalizou a ABTT colocando a ABTT no pedaço da indústria têxtil, em ótimo lugar. E o Reinaldo continuou muito bem o que o João Luiz fez.

PRIMEIROS PASSOS DA ASSOCIAÇÃO: REGULAMENTAÇÃO E LEGISLAÇÃO

No relato de Waumy, alguns detalhes sobre o movimento para a regulamentação da profissão de técnico têxtil:

A ABTT é uma Associação de caráter privado e não uma associação de classe, e por isto não poderia representar oficialmente seus associados junto às autoridades, como, por exemplo, os sindicatos. Então, naquela época, para se regulamentar a profissão de técnico têxtil as dificuldades burocráticas

eram imensas. Nós não podíamos representar junto ao Ministério do Trabalho e mesmo junto ao Congresso. Nós tivemos que formar outra associação que existe até hoje, nós formamos a Associação Profissional de Técnicos Têxteis. Naquela época, a ideia não era você fazer duas associações, e sim romper as barreiras burocráticas, mas existia na época o pensamento de transformar a Associação em um Sindicato para se obter os benefícios de verbas que hoje são gigantescas, e na época a ABTT, vivia numa tremenda miséria. Eu acho que esse projeto morreu, e foi mau, pois ele deveria ter continuidade. O CETIQT sempre apoiou totalmente as nossas iniciativas. Nós tínhamos uma sala dentro do CETIQT, lá a gente fazia as reuniões, tínhamos materiais, dinheiro mesmo, era muito difícil, as pessoas não tinham muito recurso. Somente com a fundação da Associação Profissional foi possível se regulamentar a profissão, que até hoje é reconhecida, inclusive pelo CREA e Conselho de Química.

E o Luiz dando detalhes sobre a legislação:

Olha, tem muita gente inclusive que não sabe e nem conhece a legislação (...), a Legislação que foi aprovada em 1967 que dá igual direito ao técnico têxtil a se registrar no CREA e no CRQ Conselho Regional de Química, então, para mim isso foi o marco em 1967. O trabalho do Teodomiro que na época era o Presidente – pelo menos foi dele que eu recebi o boletim que trazia essa notícia – porque nós tínhamos um boletim que era feito na escola, na gráfica da escola e era mandado para todos os sócios e eu guardo isso (...). Hoje mesmo nós temos aqui empresas estrangeiras que não colocam técnico têxtil e são obrigadas a colocar, ter um técnico têxtil representante, como uma Indústria farmacêutica tem que ter o farmacêutico responsável; então, existe uma legislação a esse respeito.

A HISTÓRIA DO BRASIL NA VOZ DOS RELATOS

O Dia do Técnico Têxtil é comemorado no dia 12 de setembro. A história dessa decisão é lembrada por João Luiz:

A ABTT teve uma mudança muito importante no ano 1980 quando foi realizado um congresso em Fortaleza, presidido por nosso amigo Carlos Pinheiro⁹ e ali naquela assembleia, além de ter sido instituído o dia do Técnico Têxtil no dia 12 de Setembro, o Dia 12 pela própria assembleia passou a ser determinada aprovada pelo profissional têxtil. A ABTT, a partir daí, passou a receber todos os profissionais têxteis. Então, ela passou a receber não só técnicos, como químicos, engenheiros, os profissionais da área de moda e confecção. Então isso permitiu, em minha opinião, que a ABTT ampliasse muito o seu raio de atividades e teve participações importantes, diversos temas e assuntos junto ao IMETRO, juntos às escolas, promover congressos.

É o Julio quem lembra o reconhecimento da profissão de técnico têxtil:

Aí, nós conseguimos, por exemplo, umas coisas formidáveis – uma delas foi a inclusão do técnico têxtil no catálogo, assim chamado oficial das profissões da CLT¹⁰ (Consolidação das Leis do Trabalho), então, hoje, se buscar na CLT, tem o técnico têxtil. Em 62 não tinha, eu não me lembro em que data foi, em que ano foi, mas isso foi uma conquista.¹¹

9 Carlos Leite Barbosa Pinheiro, técnico têxtil, Presidente da centenária fábrica UNITÊXTEL, Fortaleza, Ceará.

10 A CLT surgiu por meio do Decreto-Lei nº 5.452, em 1º de maio de 1943. Essa lei foi sancionada pelo presidente Getúlio Vargas, constituindo-se em referência da legislação trabalhista existente no Brasil.

11 A profissão de técnico têxtil foi aprovada pela LEI 5.692/71, Resolução nº 2 de 27.01.72, anexa ao parecer nº 45/72 do Conselho Federal de Educação.

Nas falas dos entrevistados, ainda se escutava o eco dos imigrantes que chegaram ao Brasil, principalmente no final do século XIX e começo do XX: ao citar os sobrenomes das pessoas que fizeram parte da história da associação, revelaram-se as variadas origens de uma ascendência plural, assim como também, nos fluxos de técnicos e profissionais estrangeiros que chegaram posteriormente e formaram parte da industrialização – que já se arquitetava desde as primeiras décadas do século XX – que ganhou pujança a partir dos anos 1950.

As referências à década de 1960 mostram a sua importância na geração de grandes mudanças mundiais. Nos primeiros cinco anos, alguns acontecimentos marcantes são: a inauguração de Brasília, capital do País (1960), a Copa do Mundo no Chile, na qual Brasil conquista o bicampeonato (1962), a apresentação da Bossa Nova no Carnegie Hall (1962), o advento da pílula anticoncepcional no Brasil (1962) etc. E na segunda metade: os protestos estudantis na França (1968) e suas influências no Brasil¹², a conquista da lua (1969), o *rock-and-roll* com os Beatles e a Jovem Guarda, a TV em cores e sua difusão massiva etc. Em termos de moda e costumes, podemos

12 O clima imperante nesse momento da história do Brasil pode ser escutado nas canções compostas por Chico (Francisco) Buarque de Hollanda.

dizer que até 1965, o vestuário refletia uma tímida ousadia com estampas geométricas e cores bem vibrantes, em uma transição entre a moda dos anos 1950, os chamados anos dourados, e o boom da minissaia (1965), a moda hippie etc. Ou seja, as referências abarcavam desde a elegância clássica de Grace Kelly, Jackie Onassis e Audrey Hepburn, passando pelas roupas da modelo Twiggy, até a roupa étnica, a *beatlemania* e a arte pop. A década de 1960 marca, portanto, um período de profundas transformações na política, nos costumes, nas relações familiares, introduzindo a revolução sexual e o feminismo. Especificamente, 1962, ano da fundação da ABTT, como já mencionado, é um ano de fatos marcantes.

Ao longo dos relatos, infiltrava-se também a referência ao processo de expansão educacional do Brasil a partir dos anos 1960: à formação técnica e acadêmica, à necessidade de mão de obra qualificada, ou seja, à formação do próprio técnico têxtil.

Como nos conta Julio Caetano:

(...) então, nós tínhamos muita relutância em ser aceitos porque os cargos eram ocupados por estrangeiros, muita gente de capacidade, de real valor, muitos que vieram como montadores de máquinas e depois ficaram no Brasil e galgaram postos. Essa era a indústria têxtil, e para nós entrarmos era difícil porque nós éramos formados recentemente na escola que existia no Brasil, e a alta cúpula empresarial não conhecia. Então, nós tínhamos uma dificuldade muito grande de penetração nas empresas e quando foi, vamos formar o sindicato ou não? já houve uma cisão porque os mais abastados, porque

nós tínhamos colegas que eram filhos de donos de fábricas e tínhamos outros colegas, gente que saía do chão de fábrica, então, era uma mistura como é o Brasil. O Brasil é uma mistura, então, houve muita discussão, se vai formar o sindicato, se não vai, se deve, se não deve, então, na realidade, nós nunca formamos.

A construção¹³ e posterior fechamento de tantas fábricas têxteis, a mudança dos principais centros de produção industrial do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais para outras regiões do Brasil nos falam dos efeitos da construção de Brasília, puxando o crescimento econômico para além da “antiga e bela cidade imperial”, da “locomotiva do Brasil” e de Minas Gerais, para Santa Catarina e os estados do nordeste, atraindo capitais e gente para trabalhar: migrantes e imigrantes. Paralelamente, também ocorria um aumento das fronteiras agrícolas do Brasil, plantando algodão no Rio Grande do Norte, Mato Grosso e Goiás.

O relato da vida dos estudantes no CETIQT, a severidade e excelência dos seus professores, as rivalidades e discordâncias políticas entre colegas, as dificuldades dos estudantes vindos de outros estados, os jogos de futebol e o lazer retratam a efervescência do que se viveu antes e depois da fundação.

13 “Tinha muitas fábricas, muitas fábricas principalmente no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro era talvez junto com São Paulo o maior centro têxtil do Brasil. Tinham fábricas e fábricas grandes: Fábrica Bangu 3,4 mil funcionários, Nova América tinha mais de 5 mil funcionários, algumas grandes, América Fabril, Corcovado, Deodoro, Confiança, além de fábrica de lã que existia, Inter-Americana, era muita fábrica, tinha muita fábrica e fortes”. (depoimento do Waumy)

Neste relato dos tempos de estudante no CETIQT, Luiz revela as relações entre estudantes e professores:

Eu fui suspenso várias vezes da escola por desobediência ao regime, eu fazia várias coisas... Teve uma interessante que eu ia chegando na escola as sete horas da manhã e eu passando pelo jardim tinha um ônibus parado escrito “Breda Turismo”, um ônibus de turismo, aí eu me aproximei dele e vi os alunos que estavam no terceiro ano – porque nessa época eram três anos, só minha turma que ia ser quatro –; o terceiro ano estava no ônibus e eu entrei para saber para onde eles iam, que passeio era aquele e eles disseram: “não rapaz, nós vamos para Petrópolis conhecer uma fábrica lá, duas fábricas”. Estavam se formando, era final do ano e tinham alguns professores dentro do ônibus só que a hora que eu fui sair, eles não deixaram e disseram que eu ia também, me agarraram e disseram: você vai ficar aqui. Impediram a minha saída, e com os livros debaixo do braço, eu fui, acompanhei a visita. Quando chegou na fábrica que nós íamos visitar, Lanifício Americano, no jardim da fábrica, eu vi chegar de carro o Diretor da escola, Professor Maurílio, (...). A essas alturas, ele começava a vir para o meu lado, eu fugia ia para o outro lado, então, na fábrica eu estava de um lado da esteira do batedor e ele do outro lado, quando ele vinha começando a rodar esse lado da máquina... Aí alguns alunos foram falar com os professores para eles aderirem a falar com o Maurílio para deixar eu com eles para fazer a visita porque depois daquela visita à fábrica, *iam visitar outra fábrica, a Dona Isabel, onde ia ser servido o almoço. Eu vi alguns professores conversando com o Maurílio (...) não tinha para onde fugir e o Maurílio sentou do meu lado e me perguntou o que eu estava fazendo ali, porque ele me conhecia e sabia que eu não era um aluno daquela turma, ele já tinha me suspenso uma vez, a gente já havia tido um desentendimento e eu fiquei conhecido*. Eu disse a ele que eu não podia fazer nada, eu entrei no ônibus para conversar com uns amigos meus que estavam lá dentro e eles não deixaram eu sair, então eu estava ali por causa disso, aí ele disse:

“O senhor vai voltar, porque o senhor está perdendo aula”. Aí eu disse: “Mas agora eu não tenho dinheiro para voltar”. “Como não tem dinheiro?”. “Ah não tenho, eu vou para a escola de bonde, volto de bonde, a escola dá almoço, a minha bolsa que eu ganho mal dá para eu comprar o mínimo e o necessário.. (...) *Aí ele chamou o motorista dele deu dinheiro a ele e disse* “Vá levar ele na rodoviária, compra uma passagem e depois dê cinco cruzeiros para ele pegar o ônibus para ir para escola, da rodoviária para escola, dê cinco cruzeiros a ele”. E assim o motorista me deixou na rodoviária, cheguei no Rio era uma hora da tarde, uma e meia e eu não fui mais para a escola. (...) E foi uma coisa interessante o que me aconteceu, mas o senhor Maurílio não tomou nenhuma medida disciplinar comigo, porque ele acreditou mesmo que foi verdade que eu fui impedido de sair do ônibus”.

E mais adiante, Luiz lembra com vivacidade os momentos de lazer, apesar de o curso ser em período integral:

(...) não era só o futebol, porque nós também disputávamos, em muitas escolas técnicas, os jogos técnicos químicos, e esses jogos tinham várias atividades olímpicas inclusive corrida, basquete, vôlei, arremesso de peso, futebol de salão, futebol de campo, tinha várias atividades. A nossa escola não tinha, assim, um campo de atividade olímpica, mas a gente ia para o Maracanã, o Maracanãzinho. Quando havia esses jogos, os jogos eram noturnos, só o futebol que era de sábado, o futebol, o basquete, não, o basquete também era noturno, só o futebol que era de sábado à tarde; nós jogávamos na escola, lá era um jogo em uma escola e outro jogo na outra, era ida e volta, e tinha o campeão, o campeão era aquele que tinha mais pontos e tinham regras e quem organizava esses jogos técnicos éramos nós, os diretores de esporte das suas escolas.

Politicamente, as mudanças ganharam destaque: os 50 anos em cinco do Juscelino Kubitschek¹⁴, a era Jânio Quadros¹⁵–Jango Goulart¹⁶, a ditadura militar¹⁷, os movimentos estudantis e o longo processo de democratização e as mudanças econômicas, sociais e políticas da segunda metade do século XX.

Nas palavras de Julio Caetano, uma síntese sobre o momento político na época da fundação da ABTT:

Na década de 1960 havia toda uma movimentação, talvez política, social da população brasileira. Então, as diversas camadas sociais, as camadas profissionais começaram a se juntar para poder reivindicar qualquer coisa, para poder se defender, para poder se posicionar, para poder arguir.

Paralelamente, a oscilação entre a liberdade e a proibição, vigentes nos diversos tipos de governo, se vislumbram também na fala de Julio.

(...)mas aí veio a revolução de 1964¹⁸, na revolução de 1964, nós todos que éramos dirigentes da ABTT fomos denunciados ao governo revolucionário, todos nós fomos vasculhados para saber o que estávamos fazendo, todos nós passamos incólumes porque não tínhamos nenhuma ideia de revolução, de coisa nenhuma.

14 Foi Presidente do Brasil de 1956 a 1961.

15 Jânio da Silva Quadros foi Presidente do Brasil em 1961.

16 João Belchior Marques Goulart, conhecido como Jango, foi Presidente do Brasil entre 1961-1964.

17 A ditadura militar abarcou os anos de 1964 até 1985.

18 O golpe militar de 1964 deu início a um longo período de 21 anos de governos não democráticos.

Nós tínhamos ideias simplesmente de nos posicionar e defender a nossa classe, mas como eu disse, isso não foi só com a ABTT, formaram-se várias outras instituições e elas também devem ter passado por esses caminhos.

Assim, a ABTT pareceu agregar pessoas com ideias diferentes, mas objetivos e causas comuns, como nos conta Waumy:

Para se fundar a associação profissional tivemos um trabalho árduo do Teodomiro, meu, do Julio e, principalmente, do Luiz Pereira. O Teodomiro era um camarada brilhante, uma pessoa altamente politizada e tinha que ser, para você se envolver nessas coisas tinha que ser muito politizado.

Assim, o intercâmbio frutífero de conhecimentos entre brasileiros, americanos, italianos, holandeses, ingleses, alemães, portugueses, franceses, e de diferentes países da América Latina, entre outras nacionalidades, acrescenta mais ingredientes à miscigenação da história do Brasil desde a colonização até o presente.

Máquinas, equipamentos e gente com histórias; por um lado, teares, urdideiras, secadoras, corantes, cilindros, tecidos etc., por outro, operários, técnicos, gerentes e empresários que trazem consigo famílias ou as constituem, que migram e mudam de emprego para trabalhar nas fábricas, principalmente de Minas Gerais, Pernambuco, Ceará, São Paulo, Bahia, Santa Catarina etc. Filhos que nascem e, posteriormente, se casam, amigos que falecem; fábricas que “fecham

as portas”¹⁹, deixando uma grande população sem emprego e, às vezes, até tornando a cidade sede da fábrica uma “cidade fantasma”, quando a vida e a geração de renda giravam em torno da indústria têxtil.

As mudanças econômicas também influenciaram a história da ABTT, como vemos neste depoimento do Waumy Corrêa da Silva no qual destaca os detalhes da compra da sede no Rio de Janeiro:

(...) realmente o seu início que foi muito difícil. É muito duro você ver que a parte financeira era feita na nossa casa. Se tivéssemos que comprar alguma coisa nós tínhamos que depender de recursos próprios, nós tínhamos que ter dinheiro para fazer alguma coisa ou se tivéssemos que fazer alguma viagem era por conta própria, quer dizer, sempre é difícil, todo mundo era técnico têxtil, não tinha empresário nesse movimento, não tinha pessoas com mais recursos nesse movimento, todo mundo dependia exclusivamente de seu salário. Então, isso era complicado, era difícil. (...) Olha, a história da ABTT é grande e longa. Por exemplo, nós temos hoje uma sede no Rio de Janeiro, que basicamente é o único e mais importante ativo da ABTT; ela quase não é usada porque o Rio de Janeiro deixou de ser o foco da Indústria Têxtil. A história da compra dessa sede foi também uma coisa muito séria. Compramos a sede em construção em um excelente ponto da Av. Presidente Vargas,

19 No depoimento do Waumy, a triste lembrança deste processo: “*Infelizmente, fechou tudo, Bangu fechou, Nova América fechou; no Rio, ela tem uma unidade de Caxias, mas América Fabril fechou, Corcovado fechou, Confiança fechou, Inter Americana fechou; essas fábricas todas foram fechando e, na realidade, hoje não tem mais nada. A indústria têxtil hoje, no Rio de Janeiro, é basicamente zero, a não ser umas pequenas malharias, confecções... fábrica, fábrica mesmo, não tem mais não, acabou*”.

uma das principais avenidas do Rio de Janeiro. Na época, a construtora não aceitou o financiamento pela ABTT, que financeiramente não tinha lastro para uma compra daquele tamanho. Reunimos um grupo de associados e amigos, e assumimos o compromisso daquela compra, para você ver como era o relacionamento do grupo de pessoas ligadas à ABTT. E naturalmente tivemos que envolver todas as esposas para que elas soubessem que estavam assumindo um compromisso e responsabilidade de compra de um bem que não era nosso e, quando estivesse liquidado, deveríamos passar para a ABTT. Naturalmente, todos os pagamentos foram efetivamente feitos pela ABTT, e foi comprada através de dinheiro de sobras de congresso. Nós resolvemos comprar a sede pagando ao longo do tempo. Naquela época, poderia citar o grupo que participou desta compra para se responsabilizar pelos pagamentos: Teodomiro Firmo da Silva Neto, Waumy Correa da Silva, Julio Caetano Horta Barbosa Cardoso, Luiz Pereira Neto, Gianfranco Colnaghi, José Lopes Siqueira, todos com as respectivas esposas. Foi um negócio de risco, com muita gente e esposas envolvidas, mas felizmente deu tudo certo.

OS CONGRESSOS DA ABTT

No meio dessas narrativas, mais um congresso da ABTT sendo organizado, onde colegas se reúnem para ter notícias dos diferentes cantos do País, encontrar um amigo que não se via há tempos, aperfeiçoar-se profissionalmente e conhecer novos equipamentos e técnicas. Para isso, enfrentar longas estradas de “chão”, de ônibus, avião (às vezes), procurando ligar as cidades deste país imenso e tão diverso.

Alguns congressos guardam um lugar de destaque na memória: o de 1988, em Recife, Pernambuco, para

o Luiz:

“Foi esse, porque nós tivemos 2.400 congressistas lotando o Centro de Convenções de Pernambuco (...) o pessoal se sentava no chão(...). Eu me lembro que eu contratei um coquetel para 3.000 pessoas, porque na abertura sempre comparece muito mais gente do que no Congresso, e naquela ocasião uma coisa muito marcante foi que nós tivemos representatividade de vários órgãos do Governo: Ministério da Fazenda, Ministério da Agricultura, Ministério do Desenvolvimento estiveram presentes, a SUDENE, o Banco do Nordeste se fez presente. Nós alugamos dois ônibus para fazer diversos passeios para as praias, para os pontos turísticos, para tomar um chá no Buffet e as mulheres ficavam passeando, enquanto a gente estava ali reunida, e foi feito porque havia recursos para isso.”

Para o Julio Caetano, os congressos de Recife, Pernambuco, em 1972 ou 1988:

Olha, eu me lembro bem. Aqui em Pernambuco não me lembro se foi no primeiro ou segundo congresso, quando houve o lançamento do filatório Open End e a empresa fez uma festa, que era lançamento mundial. Então, todos nós ficamos embaçados porque todos nós saímos do filatório de anel para o filatório Open End, e quando terminou a palestra o Yugi Hatayama, um paulista filho de japonês, era um japonêsinho pequenininho, levantou e disse: “Olha aqui na minha fábrica já temos dessas máquinas rodando e os presentes que quiserem ver pessoalmente e examinar as máquinas estão convidados a me acompanhar”. Quer dizer, isso demonstra exatamente a importância dos Congressos da ABTT. Veio um sujeito de fora lançando uma novidade e um caboclinho, não é caboclo porque era filho de japonês, mas era paulista (...). Então, veja a importância da disseminação da ABTT nessa tecnologia, eu acho que isso foi uma coisa muito importante.

Para o Waumy, o primeiro em Recife, em 1972.

O mais marcante foi o primeiro Congresso aqui de Recife (capitaneado pelo Luiz Barbosa). Foi um Congresso brilhante, muito bom, onde eu tinha uma participação muito grande e teve muito apoio financeiro. Hoje o perfil de técnico têxtil mudou, é o perfil de empresário, de pessoas que estão ocupando cargos executivos, o pessoal que tem trabalhos em empresas grandes, mas naquela época não, naquela época participante era o técnico têxtil o pessoal que está na planta, no chão fábrica, aquele pessoal que não tem recurso, entendeu? E foi um Congresso muito bom, muito, muito bom, o primeiro. (...) o outro marcante, mas aí foi uma questão pessoal, foi no do Rio de Janeiro que eu participei, eu era vice-presidente da comissão organizadora. Nós tivemos um congresso com a FLAQT²⁰ que hoje está junto com a ABQCT²¹ – e naquela época nós éramos associados da FLAQT –, e nós fizemos um congresso internacional no Rio de Janeiro, aquilo deu muito trabalho, foi muita confusão, mas deixou uma receita grande naquela época, teve muita repercussão.

O de 1976, em Poços de Caldas, para o João Luiz:

O primeiro Congresso que eu fui participar foi um congresso em 1976 na cidade mineira de Poços de Caldas, onde o Jessé²² era candidato a presidente e outro candidato forte era o Nelson Lobo de Lima, outro técnico têxtil que trabalhava numa fábrica da Vicunha, no estado de Goiás. Foi uma coisa interessante porque neste congresso, Nelson Lobo de Lima e a chapa que preparou usavam como argumento que Jessé era o candidato dos empresários; que ele era ligado aos empresários,

20 Federación Latinoamericana de Químicos Textiles.

21 Associação Brasileira de Químicos e Coloristas Têxteis.

22 Jessé Antonio e Silva, técnico têxtil, presidente da ABTT em vários mandatos.

principalmente químicos de Minas, que ele se formou na escola e cedeu vários convites para trabalhar e acabou indo ser diretor de duas fábricas têxteis mineiras. E o Jessé, sujeito muito sagaz e inteligente, pediu para uma pessoa²³ recolher fichas de inscrição, em todos os hotéis da chapa do seu adversário – na época, Nelson Lobo de Lima – e da sua chapa Jessé. Essa chapa do Nelson Lobo foi a prova: ao se inscrever no hotel, dizia, declarava na sua profissão: “Empresário”, e o Jessé colocou na sua profissão: “Técnico Têxtil”. Então, esse argumento, em minha opinião... e na assembleia, o Jessé ganhou com uma boa margem: começava, então, mais um mandato do Jessé.

E, uma década posterior, em Caxambu (1986).

O congresso que eu achei mais marcante. Foi congresso de 1986, na cidade mineira de Caxambu, que foi praticamente a 1º vez que eu tive a oportunidade de, com muito tempo de antecedência, trabalhar em um congresso. Já havia trabalhado no congresso de 1978, em Blumenau, com um grande amigo que viria a ser uma pessoa com muita participação na vida profissional e em termos de amizade: Peixoto²⁴ e sua esposa Hebe, dois técnicos têxteis, o Peixoto depois viria a ser diretor por várias vezes da ABTT. Mas este congresso de Caxambu, em 1986, foi um congresso que nós tivemos muito tempo para preparar e organizar. O hotel que foi Hotel Glória era um hotel da família Marques (...). Então, em 1986, foi primeiro congresso que eu pude levar minha família, filhos pequenos e minha esposa, e foi um congresso espetacular, tanto pelos apoios que tivemos, presença, pela quantidade (...). Eu não me lembro de outro então marcante.

23 Segundo lembrança do entrevistado, Luiz, foi ele próprio quem recolheu as fichas a que se refere João Luiz nesse trecho da entrevista.

24 Carlos Alberto Peixoto Barbosa e Hebe Magda Viana Barbosa.

Para o Ricardo, o congresso do qual participou como organizador e que marcou um estilo:

Até hoje, só não estive presente em alguns congressos quando eu morei nos Estados Unidos. Fui presidente da ABTT de 1982 a 1984 e do CNTT de 1984. O congresso anterior ao meu foi um congresso no Ceará que Carlos Pinheiro fez e foi um congresso sensacional. Inclusive foi o primeiro congresso que uma máquina foi para este congresso, um baita filatório Howa que Carlos Pinheiro conseguiu, mas algumas outras máquinas, muito bem. Então, quando foi o meu, foi realizado aqui em São Paulo no centro empresarial e quem me arrumou o Centro empresarial foi Armando Viviani que era um dos diretores da Santista, no Centro Empresarial. Então, para fazer o congresso eu não tinha experiência nenhuma e convidei o Carlos Pinheiro para ser presidente do meu congresso. Ele aceitou, veio para São Paulo porque eu tinha um apartamento. Eu sei que nós fizemos um trabalho maravilhoso, ótimo, sensacional, muito benfeito. Acho que foi o primeiro congresso luxo que a ABTT teve. Mas um dia antes da abertura do congresso, veio nosso antigo presidente Jessé. Ele me disse: Ricardo, põe uma cadeira na mesa da abertura, porque eu gostaria de colocar uma pessoa que vai ser um grande empresário. Mas, eu estou com a mesa pronta, preparada com o governador, prefeito, sei lá quem mais que tinha. Não tem lugar, mas Jessé: Quem e esse cara? O José Alencar Gomes da Silva. Nem sei quem é esse cara, no próximo congresso ele senta, pronto. Bastante, insisti e coloquei. Quando eu conheci o José Alencar, daí em diante ficamos bastante amigos. Eu sei que, depois que terminou, o congresso eu pensei comigo: nunca mais na vida eu vou ser presidente em associação, a não ser que seja associação dos banqueiros. Porque é dureza, pus muito dinheiro do meu bolso, seguindo os passos do meu pai. Eu sei que quando fui eleito no congresso, eles não queriam me passar a presidência, eles não queriam passar o que tinha em caixa porque eu já era gastador, esse cara vai pro pau. Este pouco dinheiro, mas, ao contrário, aumentei o caixa, e foram umas das coisas mais interessantes que eu tenha lembrado.

Neste relato do Reinaldo, fica clara a influência do momento pelo qual passava o País e se refletia na área têxtil:

O primeiro congresso em que eu participei foi o de Poços de Caldas (1976), depois São Paulo (1984), participei de congressos em Fortaleza, os dois primeiros como congressista e o último como presidente da ABTT, participei do congresso em Natal, de Recife. Eu acho que o congresso mais marcante foi o de Belo Horizonte (1996), pois, na época, a Indústria Têxtil estava atravessando por uma situação bastante difícil, tanto que é que marcou o congresso pela importância que ele teve dentro da vida têxtil brasileira. Reivindicava melhores condições para indústria têxtil nacional, um movimento bem organizado, participavam associações de classes. A ABIT estava envolvida neste trabalho; naquela época, não havia uma mobilização tão grande.

MUDANÇAS NO SETOR TÊXTEL

Aos poucos, os relatos mudam e incorporam a necessidade de modernização e avanço tecnológico, a reciclagem, os cuidados com o meio ambiente e a sustentabilidade, a competência e a concorrência, a mudança na formação do técnico têxtil, aproximando-nos dos anos mais recentes da história da associação.

Neste relato do Reinaldo temos contato com a evolução dos processos de tecelagem:

Meu “bichinho” é a tecelagem, fazer padronagem, trabalhar também com estamparia, no desenvolvimento de padrões, combinações de cores, na cartela de cores, padronagem, tecidos xadrez, por exemplo, é o que gostava muito de fazer, efeitos de tecidos especiais. Eu me lembro de um detalhe, nós desenvolvemos um tecido que era composto por fitas de algodão no urdume, como se fosse um fio. Então, desenvolvemos, junto com a Salvador Orsini, um pente especial para poder colocar no tear e passar esta fita. O tear que trabalhava naquela época não tinha estes recursos de tear de hoje, teares modernos que você tem controle do avanço do tecido de forma eletrônica, naquela época pra deixar um ponto vago lá, você tinha que tecer com uma lançadeira vazia; então, todas estas artes, a gente fazia.

Na fala do Luiz, faz-se presente a introdução de mudanças que levaram a cuidados com o meio ambiente e a reciclagem:

(...) procurei em conjunto com um pessoal da Itália, implantar uma nova tecnologia, digo, nova para mim e para a região. Foi trazer da Itália a primeira máquina “desfibradora de trapos e malha de algodão” para fazer fio para o mercado de redes, porque isso era interessante. O mercado de rede que consome, desde aquela época, mais de duas mil toneladas de fios por mês era feito naquela ocasião com fio cru, fabricado com resíduos de algodão em mistura com um pouco de algodão. Nós fizemos o fio com a malha já colorida, evitando deles tingirem o fio, porque eles tingiam isso em tachos de cobre e secavam na rua e poluíam também o ambiente nessas cidades que eu conhecia. Você chegava numa cidade como São Bento que é uma cidade com grandes fabricantes de redes e via aquelas meadas coloridas, secando ao sol na porta do produtor de rede, porque, lá, cada casa tinha um ou dois teares. O tingimento era feito nessas panelas de cobre e outra coisa, o corante era “direto”, mais barato e tingia esse tipo de fio, misturado com sal. Quando eles botavam as redes nas costas e suavam, o suor provocava a retirada do corante e esse corante sujava e manchava.

O novo fio de “desfibrado” era feito com aparas de malhas, tintas com corantes de cores firmes e de boa qualidade (corante reativo), então era um fio de melhor qualidade. Eu posso hoje me orgulhar de ser introdutor dessa tecnologia aqui no Nordeste.

E um desafio para toda a cadeia têxtil nas palavras de Reinaldo:

(...) a evolução tecnológica provoca uma diminuição das necessidades de mão de obra, exceto na confecção. Até hoje a confecção é a única indústria social, porque atrás de cada máquina de costura tem uma funcionária. Expandir a indústria de confecção significa gerar mais empregos. Na indústria têxtil já é o contrário, a tecnologia permite que você diminua a mão de obra e aumente a produtividade. Quando eu comecei na indústria têxtil nos anos 1963, uma tecelã tomava conta de só dois teares, a produção desta tecelã era, no máximo, de 2.000 metros de tecido por mês. Hoje, uma tecelã toma conta de até 36 máquinas e cada máquina dessas faz 10.000 metros de tecidos por mês. Então, a proporção é descabida porque a indústria têxtil, então, não vai oferecer muita oportunidade para expansão da mão de obra. Eles procuram enxugar o quadro porque é uma indústria de alto investimento, as máquinas são de alto valor, eles procuram economizar na mão de obra e aumentar em produtividade. Na confecção, felizmente, uma indústria social, precisa de mais mão de obra. Mas o governo precisa regular a entrada de produtos estrangeiros aqui no Brasil.

Neste depoimento do João Luiz, fica clara a mudança na formação do técnico têxtil por conta da evolução tecnológica:

Hoje, o técnico têxtil, ele não sai da escola direcionado para dirigir uma indústria. Hoje a evolução dos equipamentos, a evolução do processo, a evolução da competição, demandam que, quando você vai, por exemplo, abrir uma empresa, você vai precisar de técnicos de

fiação, técnicos de tecelagem. Hoje, nas escolas não é objetivo formar pessoas para dirigir uma fábrica, pra participar da estrutura da organização. Ele pode adquirir com o passar do tempo qualidade. Para dar um exemplo, me recordo perfeitamente que, na segunda turma, formou-se um cidadão chamado Silvio Diniz. Ele começou num cargo dos mais humildes de uma fábrica chamada Cedro Cachoeira e, quando ele saiu da escola, já voltou para Cedro com cargo importante, e, homem, galgou todos os postos e se tornou Presidente da Cedro durante muitos anos, até se retirar por força do estatuto da aposentadoria.

Ricardo destaca a importância da atualização tecnológica somada à excelência dos docentes na formação do técnico têxtil:

A nossa aqui, a Francisco Matarazzo, hoje também a considero uma escola completa, com ótimos professores e maquinários atualizados e de última geração também.

E o Julio Caetano discutindo o problema da concorrência no setor têxtil:

Essa questão dos importados já é mais recente. Depois do Congresso de Santa Catarina que nós tivemos em 2002, fizemos uma comemoração dos 40 anos da ABTT e a ABTT já trouxe o assunto das exportações. A ABTT trouxe especialistas, o Paulo Skaf deu a mão para a ABTT, contratou um especialista, o Roberto Gianneti da Fonseca para fazer uma palestra para a ABTT. Nessa palestra, o José Alencar, que já era Vice-presidente da República em 2002, compareceu. Então, tinha desde Vice-presidente da República até chão de fábrica, dando essas informações em 2002; hoje, nós estamos em 2006, todo mundo preocupado, mas a ABTT já estava preocupada antes disso, já estava dando o recado antes disso. Mas é natural que nem todos adquiram e aceitem

essas informações quando a gente quer dar, mas isso demonstra que a ABTT estava à frente de muita gente, o Vice-presidente foi lá, ele estava prestigiando, isso é importante.

O FUTURO DA ABTT

Para o João Luiz, o futuro da ABTT se entrelaça no futuro da própria indústria têxtil:

Eu acho que o futuro da ABTT é o futuro da indústria têxtil no Brasil, ou seja, ela tem papel importante, mesmo porque já faz um bom tempo que ela deixou de ser, não só uma associação que se preocupa em atualizar tecnicamente e tecnologicamente os seus associados, como também os não associados; você tem que lembrar que os congressos são para todos, associados e não associados. O fato de a ABTT ter, por exemplo, realizado, desde sua fundação em 1962 e a cada dois anos, um congresso, congresso nacional. Só pra dar um exemplo, nos últimos congressos feitos aqui em São Paulo, teve 18 convidados do exterior, então, os maiores especialistas do mundo em suas respectivas áreas na cadeia têxtil que é muito longa estiveram aqui presentes. Então, o futuro da indústria têxtil, é então o futuro da ABTT é ligado ao futuro do setor como um todo e o setor têxtil tem lutado muito, não é uma luta fácil e tem estado também este tempo, tem tido este caráter político, ou seja, a ABTT está participando, há um bom tempo, junto com os órgãos que representam o setor, a própria ABIT (Associação Brasileira Indústria Têxtil), Sindicatos Estaduais, Sindicatos dos Trabalhadores, a CNI, a federação das indústrias dos vários estados, tratando de defender os interesses do nosso setor. Nós somos o segundo maior empregador do País, utilizando hoje diretamente 1.700.000 colaboradores. Se você juntar isso no efeito renda nas famílias envolvidas, na terceirização, esse número chega fácil a seis milhões de pessoas que dependem da indústria têxtil, e a indústria têxtil tem que ser respeitada porque outros blocos têm força política e nós estamos tratando de buscar caminho, encerrando

fileiras com as entidades sérias que também têm esta finalidade, ou seja, ajudar um setor que é muito importante no Brasil e no mundo todo para continuar forte, gerando emprego e renda pro Brasil.

Na opinião do Waumy, a necessidade de voltar às origens, às ideias que levaram a sua fundação:

A ABTT precisa ser reavaliada porque ela mudou muito, deixou de ser como era no início, que procurava basicamente atender as necessidades dos associados. A gente dava muita atenção à carteira de emprego, principalmente, pela característica social do Teodomiro. Se o técnico tinha um problema de emprego ele procurava a ABTT, e nós sempre procurávamos ajudar, convocando o auxílio de técnicos bem empregados para fazer esta corrente positiva. Hoje, a ABTT cresceu muito, o Brasil é muito grande, ficou muito espalhada, ela perdeu muito dessa característica. E o que eu sinto mais, hoje, é que ela, na realidade, tem uma visão muito mais de congresso; quando chega no congresso aí ela é forte, ela aparece, vai todo mundo, todo mundo está junto, todo mundo se confraterniza, a maior parte das pessoas hoje vem mais no sentido da confraternização mesmo, do que até o conhecimento, mas, depois disso, ela se encolhe.

Para o Julio, o futuro já começou nas mudanças implementadas pela ABTT na parte administrativa e na atualização por meio da informatização:

Eu acho que, com essa nova mentalidade, que eu posso citar o próprio João Luiz, Reinaldo, o Barbosa, o Marcelo, Geraldo, tem mais gente, tem o Erivaldo, são pessoas com mente mais aberta, são pessoas que estão lutando, porque eu acho que a ABTT e o Brasil estão na mesma situação, estão no mesmo dilema, então, nós temos muita coisa pela frente e temos que enfrentar o caso do computador, a Internet (...).

Então, esse é o futuro da ABTT. A ABTT está se fixando no seu local de origem que é a sede social, quando perguntam: onde está a ABTT? Está em tal lugar, assim, sede própria e tudo está se organizando administrativamente, esse passo que foi dado com a centralização através de computadores, então, essa centralização que o João Luiz promoveu e que custa dinheiro para a ABTT na parte de informática é um negócio extraordinário, *é um salto*. (...) Então, eu acho que o Brasil hoje está vivendo numa época muito perdida, que nós estamos temerosos do amanhã, então a ABTT não está mais temerosa do amanhã; a ABTT sabe que, nos próximos anos, vai ter gente muito capaz e muito competente para caminhar.

Reinaldo destaca o valor da informação, da transmissão de tecnologia:

A ABTT organiza esses eventos e congressos onde fazemos parte de transmissão de tecnologia, e a ABTT vai continuar cada vez mais trabalhando para que essa informação chegue a todos os que precisam conhecer. A mudança tecnológica hoje é muito rápida e a velocidade com que esta informação chega nos locais – que, às vezes são afastados, mas precisam ter esta informação – é mais lenta, então a ABTT tenta encurtar esta distância. A ABTT vai continuar, acredito, sendo, mesmo com os próximos presidentes, uma associação que leva conhecimento, não se transformará em entidade de classe, acho que nem tem espaço para isso. (...) temos aí as feiras: Febratex em Blumenau, Seritex em Goiânia, Tecnotextil em São Paulo e Maquintex em Fortaleza, todas muito bem organizadas pela FCEM, nosso grande parceiro, e nós temos a felicidade de poder organizar nossos seminários junto com estas feiras, o que facilita bastante trabalho da ABTT, visto que a feira atrai grande número de interessados e o seminário também atrai, o que também reforça o público dessas feiras. (...) também a ABTT passou a participar ativamente de movimentos de defesa da indústria brasileira, oferecendo inclusive espaço para a Frente Nacional Mista José Alencar de Defesa de Indústria Têxtil e de Confecção, nos eventos.

Nas palavras do Ricardo:

Para quem viu a ABTT nascer e a acompanha nos seus 50 anos, sabe muito bem o que ela passou, o quanto ela cresceu e tornou-se de importância muito grande dentro da cadeia têxtil. É uma associação que nasceu em bom berço, por ter sempre presidentes e colaboradores com orgulho de pertencer a uma associação que enobrece o técnico têxtil. Se assim ela continuar, só tende a continuar a ser de grande expressão dentro da nossa indústria e do Brasil.

Para terminar, fazemos nossas as palavras do seu atual Presidente, Reinaldo Aparecido Rozzatti:

Gostaria aqui de cumprimentar, nestes 50 anos, aqueles que, 50 anos atrás, se reuniram e fundaram esta associação, e todas essas pessoas que, nesses 50 anos, passaram e deram o melhor de si para que ela continuasse crescendo e chegasse ao alto grau em que ela está hoje dentro da indústria têxtil e de confecção brasileira.

María Liliana Inés Emparan
Martins Pereira

*é psicanalista e psicopedagoga,
mestre em Psicologia e Educação
e professora de Pós-graduação.*